Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-076-6
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

2013

Artigos

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

PROCESSO CULTURAL: uma proposição a respeito da cultura visual

Aida Rosa Dieguez Sábio[1]
Cândida Alayde de Carvalho Bittencourt[2]

Resumo: Este artigo é o resultado de uma pesquisa-ação realizada com os alunos do 3º Ano do Ensino Médio, do Colégio Estadual Profª Cléia Godoy Fabrini da Silva através do processo de intervenção pedagógica, no intuito de atender as demandas do PDE/PR despertando e sensibilizando nos educandos a leitura verbal e não verbal da cultura visual, no entorno da escola, percebendo as diferenças e semelhanças culturais. Adotou--se como fio condutor, o referencial teórico de Fernando Hernández, fazendo uso da metodologia de Projetos de Trabalho com o uso de *Portfólios* no processo ensino-aprendizagem, exercitando o olhar crítico por meio das ações desenvolvidas pelos grupos de alunos tendo como tema norteador a Cultura Visual no entorno da Escola. A reflexão partindo de imagens do entorno da escola foi imprescindível para que os alunos participantes do projeto percebessem um entendimento de mundo e da realidade que a Cultura Visual trouxe para suas vidas pessoais e educacionais, já que as imagens conseguiram interferir na construção do processo ensino-aprendizagem de cada um deles.

Palavras-Chave: Cultura Visual; Projeto de Trabalho; Olhar Crítico; Processo Ensino-Aprendizagem; Leitura Verbal e Não Verbal.

---

[1] Professora da Rede Pública Estadual de Ensino do Paraná. Graduada em Educação Artística pela Universidade Estadual de Londrina UEL (1986), Especialista em Didática e Metodologia do Ensino pela Universidade Norte do Paraná UNOPAR (1997), Especialista em Informática na Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo UFES (2003), Especialista em Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs) na Promoção da Aprendizagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS (2008), Especialista em Educação à Distância pela Faculdade de Pinhais FAPI (2009), Mestrado em Artes Visuais pela Universidade Federal de Uberlândia UFU (2012).

[2] Professora Orientadora do PDE da UEL. Graduada em Licenciatura Plena Em Educação Artística pela Universidade Federal de Pelotas (1984), graduação em Pedagogia pela Universidade Federal do Paraná (2012), mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2002) e doutorado em Educação: História, Política, Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2008).

INTRODUÇÃO

Quando passamos sempre pelo mesmo lugar, tudo se torna automático e não nos damos conta das imagens que estão a nossa volta. Fazemos o caminho de casa para a escola sem prestar a atenção no que está ao nosso redor.

O Colégio Estadual Profª Cléia Godoy Fabrini da Silva fica próximo à Rodovia Celso Garcia Cid - PR 445, em Londrina, em um bairro em que existem várias indústrias, tais como: de esculturas em cimento, de tintas e de máquinas e ainda residências, igrejas e várias outras construções, mas também existe próximo a escola, espaços vazios em que podemos observar animais (cavalos) pastando tranquilamente.

Os nossos alunos nasceram na geração audiovisual e principalmente da tecnologia, mas têm dificuldade para refletir a respeito do que veem, discernir entre o que é certo e o que é errado, analisar criticamente aquilo que passa por nossos olhos, veem, mas não enxergam ou enxergam mas não registram, muitas vezes não processam a informação adequadamente, assim, as imagens passam despercebidas não só para os alunos, mas por todos nós.

Esse fato se dá porque nossas vidas estão cada vez mais frenéticas, não temos tempo para nós, a cultura nos leva a isso. É um turbilhão de informações, todas as culturas misturadas, muitas ficam perdidas ao longo do caminho, com isso a cultura visual que se encontra ao redor da escola reflete essa realidade. Essa é a proposta do trabalho: identificar a Cultura Visual que está no entorno da escola, por meio da visão crítica do aluno de 3º ano do Ensino Médio, isto é, alunos que estão terminado o Ensino Médio, consequentemente saindo dessa escola e transpondo um novo patamar da vida acadêmica – a graduação.

Será que esses alunos sabem, pelo menos, identificar ou apontar os variados aspectos visuais que se mostram nos processos criados ao longo do tempo em que o bairro foi criado. Existe uma evolução da cultura visual daqueles que moram próximos à escola?

Ao final do trabalho os alunos poderão compreender mais adequadamente o mundo que está a sua volta, sua realidade e identificar elementos de sua própria cultura? Esses questionamentos, dúvidas a respeito do conteúdo trabalhado no projeto – Cultura Visual – é o que procuramos responder ou esclarecer durante o percurso do Projeto.

Para que esse trabalho se desenvolvesse de maneira mais aberta possível, isto é, que o processo criativo fosse o ponto chave, optamos por usar a proposta de Fernando Hernández (1998 – 2000 – 2007) – Projeto de Trabalho – em que o desenrolar do trabalho é feito pelos próprios alunos, com a mediação do professor. O objetivo principal é que por meio do projeto o aluno venha ampliar seus conhecimentos a respeito do assunto desenvolvido durante o trabalho, compreender sua cultura e de outros povos, consequentemente conhecer a si mesmo.

De acordo com Hernández & Ventura (1998):

> […] um projeto pode organizar-se seguido em determinado eixo: a definição de um conceito, um problema geral ou particular, um conjunto de perguntas inter-relacionadas, uma temática que valha a pena ser tratada por si mesma... Normalmente, superam-se os limites de uma matéria. Para abordar esse eixo em sala de aula, se procede dando ênfase na articulação necessária para tratar o problema objeto de estudo e nos procedimentos requeridos pelos alunos para desenvolvê-lo, ordená-lo, compreendê-lo e assimilá-lo (p. 61).

A cultura visual faz parte da sociedade contemporânea e pode muito bem ser estudada como conteúdo programático da disciplina Arte, pois ela por si só já tem um caráter interdisciplinar e possui conhecimento historicamente construído durante o tempo.

Estamos envoltos em uma avalanche de imagens, existe a necessidade de aprendermos a lê-las para podermos interpretá-las, para que o mundo a nossa volta tenha sentido. Dessa forma, os alunos desenvolvem a capacidade para analisar e

entender o significado de cada imagem, os motivos pelos quais elas foram criadas, como estão inseridas na cultura do nosso tempo, como é absorvida pela sociedade e como acontece o processo criativo.

No âmbito escolar podemos afirmar que nossos alunos passam a ser conhecedores de estilos e características próprias de artistas, passando assim de meros observadores passivos a leitores, intérpretes e críticos das imagens que passeiam pelas diversas tecnologias visuais. É importante que se realize a mediação visual do aluno, para que tenha consciência de que cada imagem foi construída para ser situada em um determinado lugar, produzindo assim, a sua real compreensão da vida.

A compreensão do processo de investigação, representação e reflexão dos conhecimentos nos quais as mídias foram usadas como instrumento tecnológico no processo ensino-aprendizagem, tanto do conteúdo programático da disciplina de Arte, quanto do uso adequado das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC'S. Compreendeu-se como componente curricular, o processo de criação e como atividade pedagógica. A cultura visual contribui para que nossos alunos construam uma relação com si mesmos e com os outros, ou seja, compreensão do mundo, produzindo significados visuais, estéticos, sonoros e outros.

A arte como porta-voz do conhecimento

O principal fio condutor desse trabalho baseia-se nos conceitos explorados por Fernando Hernández (1998 – 2000 – 2007), educador espanhol e estudioso do campo da cultura visual e ensino da arte. Hernández (1998) constrói uma aproximação com a proposta triangular, ampliando a noção de cultura visual que parte do contexto atual, e, principalmente, no campo do conhecimento, dando importância a construção da identidade, pensando sempre – para quem e por que

esses e não outros conteúdos devem ser trabalhados em uma determinada disciplina.

Em Catadores da Cultura Visual, Hernández (2007) descreve a cultura visual, como aparentemente, uma investigação centralizada na imagem, em meio ao estudo de base do visual, na produção de significados que possibilitam desvelar uma narrativa de educação, na contemporaneidade. E nesse sentido, revelando um aporte ideológico e doutrinário em uma abordagem da arte tendo como visão a técnico-científica, dando início assim, a uma caminhada menos vulnerável, já que a raiz desta vêm das ciências humanas e sociais. Desse modo, podemos identificar características da cultura visual não somente no mundo das artes, mas em toda ação humana.

Para Hernández (2007):

> Um mundo onde o que vemos tem muita influência em nossa capacidade de opinião, é mais capaz de despertar a subjetividade e de possibilitar inferências de conhecimento do que o que ouvimos ou lemos. […] Por isso, não nos soa estranho que hoje se fale com preocupação do aumento de “analfabetos visuais” e que surjam vozes clamando pela reestruturação da Escola […] (p. 29).

Essa preocupação ainda continua, tendo em vista que nossos alunos, e muitos de nós, professores, não sabem ou não se preocupam em “ler” as imagens com as quais nos deparamos no dia a dia. Observa-se então que falta a reflexão crítica a respeito.

Hernández (2007) enfatiza que:

> Ainda que haja muita produção sobre as questões visuais, não há quase formulações sobre métodos de interpretação e de como usar

> estes métodos, nem para à pesquisa, nem para a educação. E não me refiro apenas a métodos que poderíamos denominar tradicionais, que têm por base o estudo da forma e do conteúdo, a iconografia e a iconologia, e àqueles que fazem parte da semiótica estruturalista. Refiro-me aos métodos de interpretação e de investigação surgidos a partir do debate pós-estruturalista e das contribuições da história cultural da arte, dos estudos culturais, dos estudos feministas e dos meios, entre outros saberes (p. 29).

O medo que surge com a mudança e a falta de material relacionado a análise estruturada da leitura visual – como fazer isso – o método a ser usado pelo professor, acabam dificultando, muitas vezes, o bom andamento do trabalho. Um caminho interessante é fazer uma aproximação com o percurso gerativo de sentido exemplificado pelo quadrado semiótico de Greimas (2011) que pode ser usado tanto na análise de textos quanto na de imagens.

Podemos considerar a ideia de Hernández (2007) com o postulado de Sábio (2014). De acordo com a autora:

> O quadrado semiótico elaborado por Greimas está situado na semântica fundamental, já que é o ponto de partida do percurso gerativo. Perpassam durante a produção, as estruturas profundas e as mais superficiais, isto é, do mais simples ao mais complexo, do mais abstrato ao mais concreto. Nessa trajetória os diversos níveis de estruturas fundamentais, narrativas e discursivas, são estudadas e analisadas. Ele é uma combinação de relações de contradição e afirmação, permite indexar todas as diferentes relações que podem ser determinadas através do percurso gerativo. Seu poder operatório é tão forte que pode ser aplicado [...] em qualquer objeto verbal ou não-verbal (p. 18).

O quadrado semiótico proposto na semiótica greimasiana (2011) possibilita a análise e reflexão de imagens que estão a nossa volta, permitindo ir além do conceito de imagem. Os sistemas verbais estão ligados às línguas naturais e os

não-verbais se referem às outras linguagens, assim como nas Artes Visuais, nesse caso, as imagens que estão no entorno da escola e que fazem parte do conteúdo programático da disciplina Arte, ou então os elementos não-verbais são qualquer outro tipo de arte não acadêmica, podem ser analisadas e refletidas tendo como parâmetro o quadrado semiótico usado por Greimas.

A mudança é sempre bem vinda

É preciso que haja aprimoramento metodológico na questão de análise de imagens. Se ansiarmos por variações qualitativas não podemos tratar a cultura da imagem do mesmo modo em que era explorada há mais de cinquenta anos. Esse fenômeno social merece novos procedimentos (estratégias), que deem conta do contexto em que nossos alunos estão inseridos. É necessário observar, o entorno da escola, de suas casas, do nosso tempo, do espaço físico e geográfico em que se encontram na contemporaneidade. Para isso, o professor deve levar em conta a bagagem que seu aluno possui o saber acumulado, isto é, o contexto em que esse aluno vive para entender o processo ensino-aprendizagem.

Hernández & Ventura (1998) sustenta que:

> A proposta que inspira os Projetos de trabalho está vinculada à perspectiva do conhecimento globalizado e relacional […]. Essa modalidade de articulação dos conhecimentos escolares é uma forma de organizar a atividade de ensino e aprendizagem, que implica considerar que tais conhecimentos não se ordenam para sua compreensão de uma forma rígida, nem em função de algumas referências disciplinares preestabelecidas ou de uma homogeneização dos alunos (p. 61).

A incumbência de um projeto é a liberdade de criação tendo como base estratégias diferentes para melhor organizarmos os conteúdos escolares, tendo como norteador um determinado problema que pode ser identificado através de conversas com os próprios alunos ou uma problemática da escola.

O projeto desenvolvido pelos alunos do 3º Ano do Ensino Médio foi criado a partir de um tema global “Cultura Visual”, delimitado pela professora, nas imagens vistas no entorno da escola e no caminho que os alunos fazem de suas casas até a escola.

As modalidades escolhidas pelos alunos dentro da disciplina Arte e o tema principal no âmbito dos conhecimentos científicos foram em sua grande maioria, na área da arquitetura. Foi criado em um caderno de desenho um registro de todas as ações do grupo, um *Portfólio*[3].

Hernández (2000) relata que:

> O portfólio oferece aos alunos e aos professores uma oportunidade para refletir sobre o progresso dos estudantes em sua compreensão da realidade, ao mesmo tempo em que possibilita introduzir mudanças durante o desenvolvimento do programa de ensino. Além disso, permite aos professores considerarem o trabalho dos alunos não de uma forma pontual e isolada, como acontece com as provas avaliadoras tradicionais, mas sim no contexto do ensino e como uma atividade complexa baseada em elementos e momentos de aprendizagem que se encontram relacionados. Por sua vez, a realização do portfólio permite que os alunos sintam a aprendizagem como algo próprio, pois cada um decide que trabalhos e momentos são representativos de sua trajetória, enquanto os relaciona numa tentativa de dotar de coerência as atividades de ensino com as finalidades de aprendizagem que se havia proposto e as que havia negociado com o projeto em que participou (p.165).

[3] É uma modalidade de avaliação retirada do campo das artes. É usado como ferramenta que facilita a ressignificação do processo ensino-aprendizagem. Uma coletânea de suas produções.

A Cultura Visual nos possibilita um estudo em que ocorre uma aproximação maior das realidades, tendo como ponto de partida a ideia de reconstrução de referências culturais próprias, e, consequentemente, gerando um novo sentido em relação a como pensar, e como olhar e ser olhado, diante desse mundo, de novas narrativas. E desse modo, aproximando dos referenciais culturais e cotidianos dos nossos alunos, trazendo para o espaço da sala de aula, valores simbólicos que ajudam a interpretar, partindo do ponto de vista deles, favorecendo uma maior tomada de consciência por parte dos alunos em relação a si mesmo e a respeito do mundo, contribuindo assim para que eles possam entender melhor sua realidade e aquilo que os rodeia de uma forma questionadora e crítica. Hernández (2000) complementa dizendo que a leitura não fecha portas, mas que não nos devemos "acomodar diante de uma realidade em que o convite constante é para que sejamos consumidores e não atores; questionar aquilo que se oferece como forma de pensamento único e estar dispostos sempre a continuar aprendendo" (p.36). Percebe-se, então, o papel que os docentes têm em pensar e praticar o aprimoramento de seus conhecimentos, buscando coisas novas, metodologias atuais, e que forneçam ferramentas suficientes e que vão ao encontro com a realidade do aluno.

Para o desenvolvimento do trabalho foi necessário uma visão mais ampla do mapa, do entorno da escola, já que esse foi o cenário que desenrolou todo o projeto. Para ilustrar melhor o que se desenvolveu na escola em questão, vem à tona a experiência vivida por Hernández na Escola Pompeu Fabra, em Barcelona. Hernández & Ventura (1998) argumenta que:

> Em tal processo, se reúne todo um conjunto de experiências realizadas a partir da prática pedagógica dos professores, ao que se uniu um esforço de reflexão crítica sobre a prática acompanhada pelo estudo de novas referências teóricas para a fundamentação e explicação psicopedagógica de sua intervenção na sala de aula (p. 19).

No C.E. Profª Cléia Godoy Fabrini da Silva em Londrina, PR, o projeto, como o proposto em Barcelona, ocorreu como um todo e desenvolveu-se com os professores de diferentes áreas e alunos, levando a aquisição de novos conhecimentos.

Quando se trabalha com a metodologia de Projetos de Trabalho não temos um modelo a ser seguido, mas existem alguns pontos que ajudaram na construção dessa atividade, assim como a necessidade de se estabelecer um tema ou uma problematização para posteriormente desenvolver uma pesquisa, para isso, foram selecionadas algumas fontes de informação, organizando critérios para essa etapa. Tendo como base a pesquisa realizada é necessário que o elemento tema ou problema esteja novamente em pauta para uma verificação, ou seja, uma avaliação do projeto até aquele ponto e se necessário estipular novas dúvidas para uma nova pesquisa.

Hernández (2000) afirma que:

> Os projetos de trabalho significam, do meu ponto de vista, um enfoque do ensino que tenta ressituar a concepção e as práticas na escola, e não simplesmente adaptar uma proposta do passado, atualizando-a.
> Quando falamos de projeto, o fazemos pelo fato de imaginarmos que possam ser um meio de ajudar-nos a repensar e refazer a escola. Entre outros motivos, porque, por meio deles, estamos reorganizando a gestão do espaço, do tempo, da relação entre os docentes e os alunos, e, sobretudo, porque nos permite redefinir o discurso sobre o saber escolar (aquilo que regula o que se vai ensinar e como deveremos fazê-lo) (p.179).

Por isso, outro elemento importante nesse tipo de atividade são os trabalhos práticos, sejam eles individuais ou em grupo, aliados aos elementos anteriores que podem ajudar o professor a estipular quais são os conteúdos programáticos mais importantes a serem trabalhados em sala de aula. Esse tipo de atividade estabelece um percurso que durante o processo ensino-aprendizagem, os alunos adquirem consciência da necessidade de uma análise, interpretação e principalmente crítica

de tudo o que nos rodeia.

A cultura visual veio com a proposta de transpor as atividades clássicas das artes plásticas – pintura e escultura –, acrescentando a elas outros elementos e/ou artes, tais como: a moda, a publicidade, a arquitetura, as representações audiovisuais, e até mesmo os objetos de nosso dia a dia, trazendo assim, o cotidiano para dentro de nossas salas de aulas, absorvendo as vivências dos alunos. Desse modo, auxilia os alunos a conhecer melhor o mundo e a sociedade em que vivem, possibilitando a interpretação da cultura que está inserida em seu tempo. Quando da escolha de um determinado objeto, o professor pode instigar os alunos com questões a respeito do que pesquisar as informações que aquele objeto pode trazer de interessante para o âmbito acadêmico, que pode revelar outras culturas, tempos e lugares diferentes dos que estão habituados a circular. Essa ideia vem de Miriam Celeste[4], lançar questões provocativas ou outras opções do mesmo tema que eles escolheram para trabalhar.

Para se trabalhar com a cultura visual é preciso antes de qualquer coisa ficar conectado com o mundo à nossa volta, conhecendo assim os objetos que fazem parte de nosso cotidiano e identificar quais os mais importantes para nossos alunos, trazendo para a atividade imagens que façam sentido para os alunos. Elas precisam ser inquietantes, ter alguma relação com os valores atribuídos pela cultura dos alunos, refletindo o anseio da sociedade contemporânea, fazer com que o espectador pense, criando assim várias interpretações de valores estéticos e sentidos.

Processo de criação e o produto final: a implementação do Projeto tendo como base implicações e contribuições.

A abordagem metodológica usada no projeto foi a Pesquisa-ação (2013-

[4] Reportagem publicada na Revista Nova Escola de abril de 2003.

2014). Usamos como roteiro as estratégias de ação do modelo de Projetos de Trabalho de Fernando Hernández. Entre pontos principais que foram contemplados nesse tipo de atividade estão o fato de que o professor deve levar em conta a formação do aluno tendo como base uma visão global da realidade de mundo que o cerca, sem deixar de pensar que a aprendizagem deve estar atrelada as situações problemas do cotidiano desse aluno, a diversidade e a pluralidade cultural deve ser ponto de partida para pensarmos em preparar nossos alunos para vida toda.

As contribuições trazidas pelos colegas que participaram do GTR[5] foram de grande valia. A maioria dos cursistas falou bastante a respeito do *portfólio*, que é um bom instrumento de avaliação, já que podemos comparar a evolução do aluno com ele mesmo de acordo com suas próprias anotações. Retirei algumas falas dos fóruns que me ajudaram no desenvolvimento e finalização do projeto: “portfólio com o objetivo de levar o aluno com deficiência intelectual a observar mais, aguçar sua percepção e ver-se como sujeito pertencente a uma cidade, residente [...]”, apesar do meu público alvo não ser esse indicado pela professora, pode ser adaptado a qualquer caso e aplicado com alterações específicas a cada caso. “portfólio é um conjunto organizado de trabalhos produzidos pelos alunos ao longo de determinado período. [...] coletânea [...] instrumento de pesquisa e avaliação”. Como já foi dito um ótimo recurso a ser usado pelos professores como sistema de avaliação. O “portfólio [...] propicia ao educando o desenvolvimento de competências para avaliação de seu próprio trabalho, e permite ao professor acompanhar gradativamente a construção do conhecimento do aluno”, isso é um diferencial muito importante e que deveria ser evidenciado quanto ao uso desse instrumento pelos professores, conseguirmos identificar o processo, a evolução do aluno durante seu período de estudo. No Fórum que tinha como tema “O Projeto de Intervenção Pedagógica” as contribuições em relação ao aprimoramento do Projeto foi muito construtiva. “trabalho pedagógico diversificado”, essa fala nos lembra de que não podemos utilizar apenas uma ferramenta pedagógica em nosso plano de trabalho. No caso do tema desenvolvido no projeto o “entorno da escola como produto e produção visual” foi algo trabalhado intensamente, sem perder o foco pedagógico da pesquisa, já que essa geração é nascida na era tecnológica devemos “acompanhar nossos alunos no que diz respeito as mídias audiovisuais”, pois o produto final de cada grupo foi um envolvimento

[5] Grupo de Trabalho em Rede.

direto com esse artefato tecnológico. Os alunos desenvolvem “trabalhos a partir das próprias raízes culturais, fazendo uma releitura na construção do conhecimento sob um novo olhar”, cada indivíduo parte daquilo que conhece e reconstrói uma nova imagem de seu conhecimento[6]. Enfim, todas as falas que os colegas postaram nos fóruns e diários do GTR foram aproveitadas por mim no decorrer da implementação do projeto.

Para o desenvolvimento do processo faz-se necessário que se tenha clareza dos conceitos que conduzirão o trabalho, já que não se pode reproduzir algo que tenha sido pensado para ser desenvolvido por outros participantes, isto é, devemos conhecer primeiro o contexto e as circunstâncias em que os alunos envolvidos no processo fazem parte, por tanto na construção do projeto tivemos uma produção ativamente de significados que depende da bagagem de conhecimento que cada aluno trouxe de sua vida e a escola teve o papel fundamental de transformar esses itens em conhecimento científico.

Hernández (2000) fala da perspectiva “psicopedagógica”, ele traz as ideias vigostikianas[7] quando trata da necessidade de um pensamento de ordem superior para a aprendizagem do conhecimento, e complementa elucidando que há necessidade da “utilização de estratégias intelectuais como a análise, a inferência, o planejamento e a resolução de problemas ou formas de compreensão e interpretação, etc” (p.42).

Quando se refere especificamente ao aluno, Hernández (2000) coloca:

> Além disso, quando um estudante realiza uma atividade vinculada ao conhecimento artístico, a pesquisa evidenciou algo que, por óbvio, muitos esquecem: que não potencia uma habilidade manual desenvolve um dos sentidos (a audição, a visão, o tato) ou expande sua mente, mas também, e, sobretudo, delineia e fortalece sua identidade em relação às capacidades de discernir, valorizar, interpretar, compreender, representar, imaginar, etc. o que lhe cerca e também a si mesmo (p. 42).

---

[6] Síntese da tutora Aida Rosa e fala de alguns dos cursistas durante o GTR 2014.
[7] VYGOTSKY, L. S. **El Desarrollo de lós Procesos Psicológicos Superiores**. Madrid: Crítica, 1979.

Em se tratando da arte como parte integrante da cultura visual, ela deve ser tomada a partir de um conteúdo que deve estar inserida no contexto histórico e social do aluno, para que partindo de uma teoria seja considerada como um "mediador cultural". Em relação à mediação Hernández (2000) acrescenta que a:

> [...] função mediadora uma derivação da ideia Vygotsky de mediação que pressupõe que 'o signo é possuidor de significado'. Isso implica que a arte, os objetos e os meios da cultura visual contribuem para que os seres humanos construam sua relação-representação com os objetos materiais de cada cultura. Nesse sentido, a cultura visual contribui para que os indivíduos fixem as representações sobre si mesmos e sobre o mundo e sobre seus modos de pensar-se. A importância primordial da cultura visual é mediar o processo de como olhamos e como nos olhamos, e contribuir para a produção de mundos, isto e, para que os seres humanos saibam muito mais do que experimentaram pessoalmente, e para que sua experiência dos objetos e dos fenômenos que constituem a realidade seja por meio desses objetos mediacionais que denominamos como artísticos (p. 52).

O papel do professor nesses casos é o de fazer a mediação durante todo o processo do trabalho, instigando o aluno a procurar cada vez mais por conhecimentos embasados cientificamente para responder seus questionamentos.

Para que a intervenção pedagógica ocorre-se da melhor forma possível, tendo um planejamento para a desenvoltura dos trabalhos fizemos um roteiro de atividades. Sendo que antes de qualquer coisa foi levado em conta o questionamento inicial e norteador do trabalho:

- *"Qual o entendimento de mundo e de realidade que a Cultura Visual pode trazer para a vida pessoal e as possíveis relações e interferências que acarretam ao processo ensino-aprendizagem no que tange o aspecto visual de nossos alunos de Ensino médio?".*

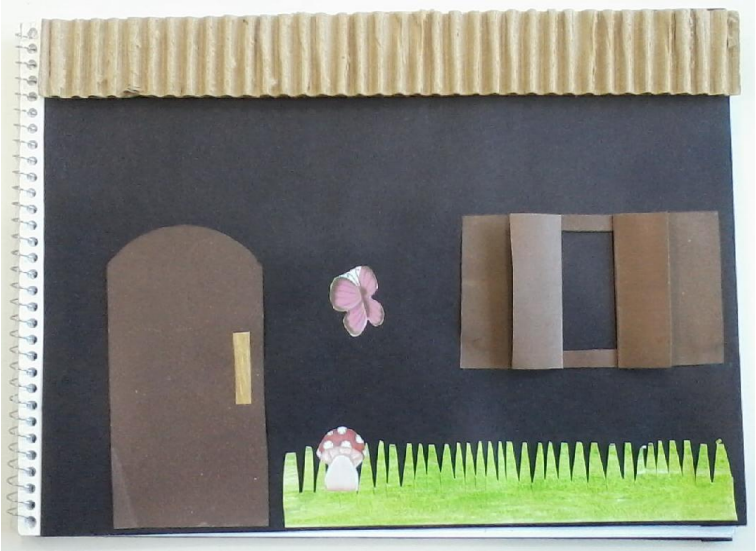
Esse questionamento provocou as pesquisas e o planejamento de ações que os grupos usaram em suas caminhadas durante o Projeto de Trabalho.

O encaminhamento metodológico usado no Projeto se desenrolou de acordo com alguns passos estipulados previamente; dentre eles:

- **Primeira atividade:**

Os alunos criaram um *Portfólio*[8] físico que foi feito partindo de um caderno de desenho em que confeccionaram um *scrapbook*[9] na capa.

Figura 1: *Scrapbook* - Capa do Caderno do Grupo "Contraste na Arquitetura de Casas"



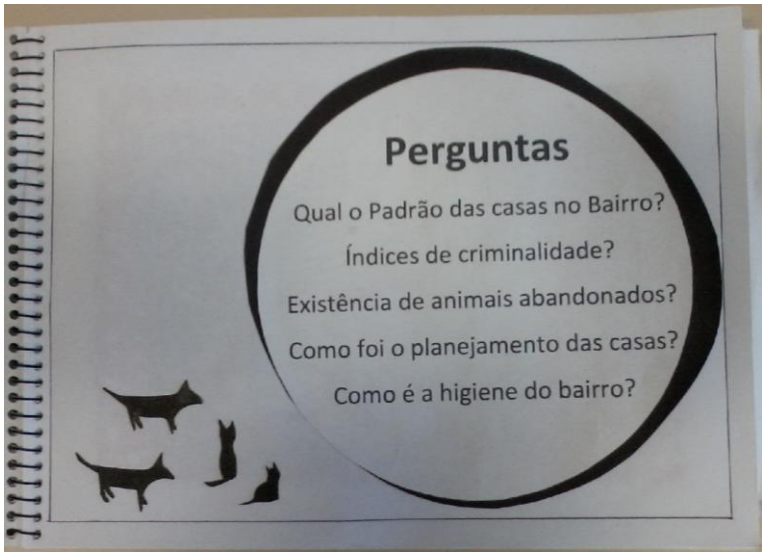
- **Segunda atividade:**

Foram levantadas algumas hipóteses para a pesquisa do grupo. Criar um caminho de imagens que eles percorrem da casa de cada aluno até a escola, isso foi registrado no *Portfólio* do grupo que foi chamado de "Percurso de experimentação".

[8] É uma modalidade de avaliação retirada do campo das artes. É usado como ferramenta que facilita a ressignificação do processo ensino-aprendizagem. Uma coletânea de suas produções.

[9] A palavra vem da língua inglesa que quer dizer Álbum de Recortes. A palavra *Scrap* é um diminutivo de *Scrapbook*, que pode ser utilizada quando queremos nos referir a uma página com fitas adesivas, papéis decorativos, enfeites diversos, textos e vários outros elementos que ficam a gosto de quem está confeccionando. Enfim, o *Scrapbook* pode ser chamado também de Álbum de Memórias de qualquer tipo, decorados com os mais diversos temas.

Figura 2: Questões levantadas pelo grupo “Aspectos Culturais X Aspectos Naturais”.



- **Terceira atividade:**

Como pesquisa de campo os grupos foram mapear as imagens visualizadas no caminho que eles faziam de casa para a escola e no entorno da mesma. Com essa atividade, através de relatos verbais dos alunos, foi verificado que algumas imagens pelas quais eles passavam todos os dias, estavam escondidas de seus olhares, já que eles não percebiam mesmo que as vissem todos os dias durante seu trajeto para a escola.

Figura 3: Caminho de casa para a escola do grupo “Aspectos Culturais X Aspectos Naturais”.

Figura 4: Caminho de casa para a escola do grupo “Aspectos Culturais X Aspectos Naturais”.

- **Quarta atividade:**

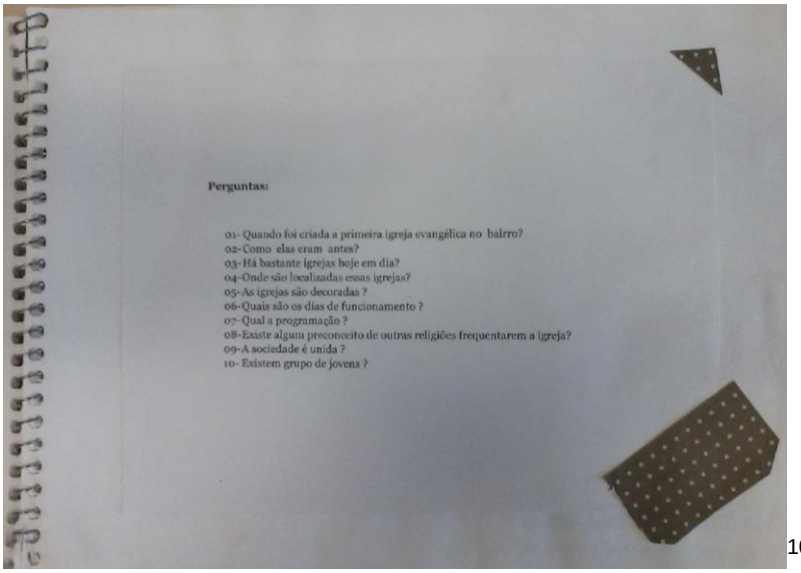
Em sala de aula os grupos definiram as perguntas que seriam feitas nas entrevistas. Montaram um roteiro para entrevistar seus pais, avós, tios, parentes mais próximos e outras pessoas envolvidas no projeto de pesquisa. Foram estabelecidas três questões básicas para que ao final do projeto possamos estabelecer um paralelo de comparação com o que existia antes e o que possui agora em termos de imagens no entorno da escola.

1. Há quanto tempo vocês moram aqui nesse bairro?

2. Qual a atividade que exercem?

3. Notaram alguma mudança no bairro desde quando mudaram para cá até hoje? Quais? Melhorou ou não? Em que aspectos? (prédios, paisagem, escola, transporte, saúde, poluição visual, sonora, os vizinhos, as crianças e suas brincadeiras).

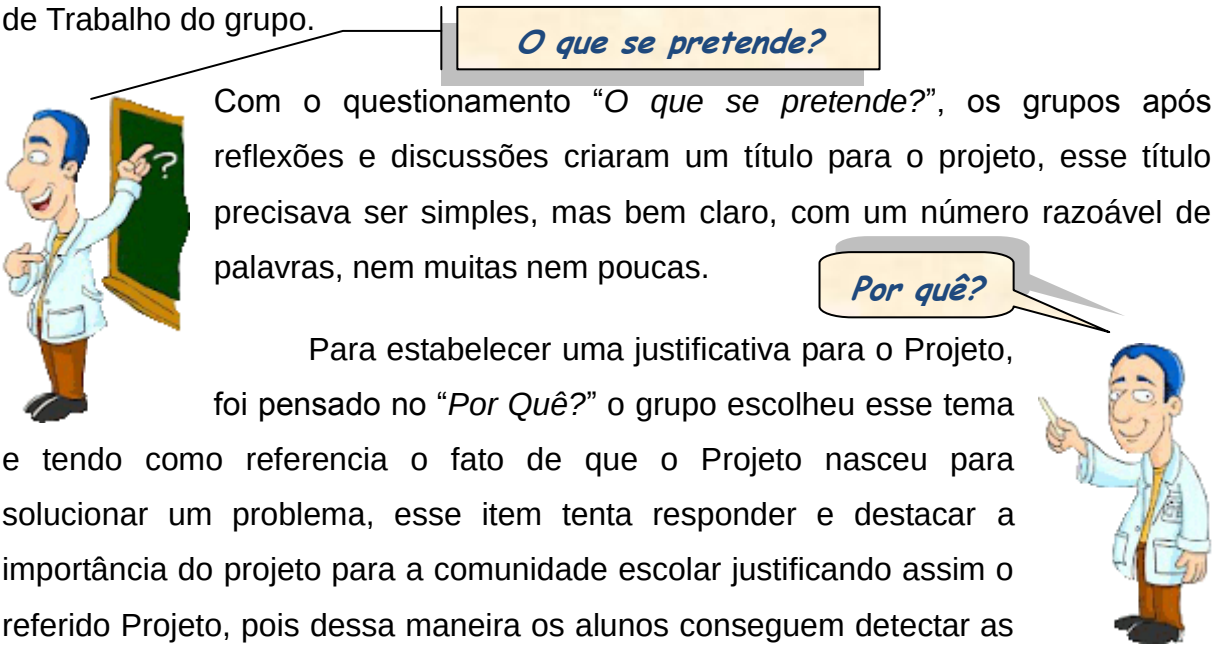
Figura 5: Questionamentos do grupo “Igrejas Evangélicas”.



[10]

- **Quinta atividade:**

Um planejamento de ações foi elaborado para que o projeto de intervenção acontecesse de maneira organizada e sequenciada. Todas as etapas foram registradas no Percurso de experimentação – *Portfólio* do grupo. As primeiras coisas levantadas pelos alunos, isto é, as hipóteses, foram agrupadas por interesse e de acordo com os conteúdos programáticos. Estabeleceu-se assim o Tema do Projeto de Trabalho do grupo.

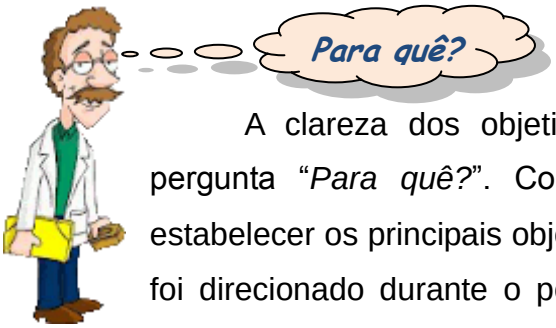


Com o questionamento “*O que se pretende?*”, os grupos após reflexões e discussões criaram um título para o projeto, esse título precisava ser simples, mas bem claro, com um número razoável de palavras, nem muitas nem poucas.

Para estabelecer uma justificativa para o Projeto, foi pensado no “*Por Quê?*” o grupo escolheu esse tema e tendo como referencia o fato de que o Projeto nasceu para solucionar um problema, esse item tenta responder e destacar a importância do projeto para a comunidade escolar justificando assim o referido Projeto, pois dessa maneira os alunos conseguem detectar as

[10] Todas as fotografias dos *Portfólios* dos alunos foram tiradas pela professora Aida Rosa, autora desse artigo.

dificuldades que foram diagnosticadas na análise preliminar feita por eles nas etapas anteriores.



A clareza dos objetivos do Projeto foi conseguida a partir da pergunta "*Para quê?*". Com esse questionamento eles conseguiram estabelecer os principais objetivos pelos quais a pesquisa e todo o Projeto foi direcionado durante o percurso e assim ficou mais fácil na hora de registrar todos os encaminhamentos do trabalho no *Portfólio*.

Como?

A pergunta "Como?" ajudou a definir a metodologia que foi usada no desenvolvimento do Projeto, todo passo a passo, a distinção das funções exercidas pelos alunos e principalmente suas responsabilidades durante o processo de pesquisa e execução do Projeto.

Com quem? e Com o quê?

Havendo a necessidade de material humano diferenciado, isto é, fora os alunos que fazem parte do grupo, a pergunta em questão foi "Com quem?". Cada participante do grupo desempenhou seu papel na execução do projeto. Em relação ao material físico necessário, isto é, os equipamentos, os artefatos tecnológicos que o grupo necessitou para a realização do projeto. A pergunta para definir quais seriam os recursos necessários seria "Com o quê?".

Quando ou quanto?

E por fim a pergunta a ser respondida para finalizar a questão teórica metodológica do Projeto foi "Quando ou Quanto?" – para definir o cronograma de execução de cada etapa do projeto. Todas essas questões foram registradas no *Portfólio* – "Percurso de Experimentação" [11].

- **Última Atividade – Produto Final:**

Como produto final cada grupo produziu um áudio visual registrando as

[11] Todas as imagens da quinta atividade foram retiradas do Portal Dia a Dia Educação.

imagens pesquisadas partindo do tema desenvolvido dentro da Cultura Visual no entorno da Escola, os textos registrados no *portfólio*, as entrevistas, etc.

Todos os passos do Projeto foram discutidos em sala de aula, a avaliação do projeto aconteceu durante todo o processo, através da análise do *portfólio* do grupo. A professora de tempos em tempos recolhia os *portfólios* para refletir a respeito da pergunta inicial de cada grupo e se a cada passo dado, o grupo conseguiu resolver os problemas pontuados no início.

Com o relato de um dos grupos podemos entender melhor o processo de ensino-aprendizagem.

> A realização deste projeto não foi tarefa fácil, principalmente se tratando de algo detalhista. No primeiro momento, para sermos sinceros, estávamos bem indispostos para realizar o trabalho, aos nossos olhos ele era bem complexo, o que não deixa de ser verdade. Mas decidimos nos esforçar e tentar alcançar o objetivo do projeto. Para nós os pequenos detalhes, que tornaram o trabalho belo, nos surpreenderam com sua finalização, pois, não esperávamos que ele ficasse tão bom. Realmente ficamos satisfeitos e aliviados com o final por tudo ter dado certo. Nossos agradecimentos a nossa professora da disciplina de Arte, por ter nos instruído em nossa missão, sem seus conselhos nosso projeto não teria sido bem finalizado (2014)[12].

A avaliação foi feita com base na ZDP[13], levando em conta "a distância entre o nível de desenvolvimento real, determinado pela capacidade de resolver um problema sem ajuda, e o nível de desenvolvimento potencial, determinado pela resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou em colaboração com outro colega" (PARANÁ, SEED, SUED, 2008, p. 82). Através dos instrumentos utilizados pelos alunos durante o trabalho (pesquisa, texto, roteiro, imagens, filmagem, editoração no computador), o professor consegue um diagnóstico para

[12] Alunos do 3º Ano do Ensino Médio – Bloco 2 – 1º Semestre de 2014: J. K., J. C., J. S., L. R., M. R. e W. G.

[13] Zona de Desenvolvimento Proximal – que Vigotski apresenta em "A Formação Social da Mente" para explicar o processo de ensino-aprendizagem do aluno com a mediação do professor.

replanejar suas ações, desse modo consegue um melhor acompanhamento da aprendizagem do aluno durante todo o projeto com vistas à apropriação prática e teórica das diversas mídias trabalhadas ao longo do ano.

Considerações Finais

Toda caminhada do projeto foi permeada por intervenções dos alunos envolvidos e dos colegas do GTR de maneira prazerosa e produtiva. Os alunos ao compreenderem os objetivos conseguiram desenvolver com mais facilidade as etapas do projeto e se envolveram de maneira significativa, conseguiram ultrapassar os desafios encontrados na pesquisa-ação de maneira qualitativa.

A metodologia usada – Projeto de Trabalho de Fernando Hérnandez e a mediação do professor, colaborou com as atividades, já que nesse tipo de trabalho o aluno tem mais liberdade de ação, ele faz o planejamento e com isso consegue identificar imagens da Cultura Visual que até então passava despercebida por eles. A reflexão partindo de imagens do entorno da escola foi imprescindível para que os alunos participantes do projeto percebessem um entendimento de mundo e da realidade que a Cultura Visual trouxe para suas vidas pessoais e educacionais, já que as imagens conseguiram interferir na construção do processo ensino-aprendizagem de cada um deles.

Referências

HERNÁNDEZ, F. **Catadores da Cultura Visual.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2007.

_____. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **Transgressão e mudança na educação:** os projetos de trabalho. Tradução: Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 1998.

HERNÁNDEZ, F.; VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho**: o conhecimento é um caleidoscópio. Tradução: Jussara Haubert Rodrigues. 5ª ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

PARANÁ, Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Arte.** Curitiba: SEED, 2008. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/diaadia/diadia/arquivos/File/diretrizes_2009/out_2009/arte.pdf Acesso em: março de 2013.

SABIO, A. R. D. **Bravo! Análise sobre a crítica de Arte Visual:** Uma abordagem semiótica. Verlag, Saarbrücken, Alemanha: Novas Edições Acadêmicas, p. 104, 2014. ISBN: 978-3-639-68595-4

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente**. 6ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. **Imaginação e criação na infância:** ensaio psicológico: livro para professores: apresentação e comentários Ana Luiza Smolka. São Paulo: Ática, 2009.

_____. **El Desarrollo de lós Processos Psicológicos Superiores.** Madrid: Crítica, 1979.